

As múltiplas concepções da cultura

Ana Cristina Morgado

Vejam só o que pensam duas alunas do ensino médio sobre cultura:

“Cultura é o modo como as pessoas expressam as tradições, conhecimentos. É saber reconhecer os costumes do seu meio e dos outros.

Aluna do 2º anos da E. E. Tancredo Neves

“Cultura é aquilo que a gente aprende durante a vida”

Aluna do 1º ano da E. E. Tancredo Neves

Fazendo uma enquete com um pequeno grupo de alunos do ensino fundamental da E.M.Maria Elena da Cunha Braz em Betim, sobre o que eles pensam o que é cultura observei que as expressões e palavras que mais apareciam em suas respostas eram: nossa raiz, tradição, identidade, conhecimento passado de geração em geração, modo de vida.

Buscando uma definição em um dicionário podemos encontrar as seguintes ideias sobre cultura:

...O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Como ações sociais seguem um padrão determinado no espaço. Compreendem as crenças, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explicam e dá sentido à cosmologia social. É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período....(HOLLANDA, Aurélio Buarque de)

Em diferentes contextos do conhecimento humano a palavra cultura assume sentidos distintos. No campo das ciencias sociais podemos afirmar resumidamente que:

Simboliza tudo o que é aprendido e partilhado pelos indivíduos de um determinado grupo e que lhe confere uma identidade dentro do grupo a que pertence. É um conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva. Não existindo culturas superiores, nem inferiores pois a cultura é relativa, designando-se em sociologia por relativismo cultural ou seja apesar de existir entre muitas

sociedades traços culturais comuns há valores e normas diferentes que lhes confere padrões culturais distintos.¹

A cultura de uma sociedade é transmitida das gerações adultas as gerações mais jovens pela educação. Educar, pois, é transmitir aos indivíduos os valores, conhecimentos, as técnicas, o modo de viver, enfim, a cultura do grupo.

Segundo Clyde Kluckhohn, A cultura é “a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo adquire de seu grupo. Ou pode ser considerada parte do ambiente que o próprio homem criou”. Ainda o antropólogo polonês Bronislaw (1884-1942) ensina que a cultura compreende “bens processos técnicos, s, hábitos e valores herdados”. A aquisição e a perpetuação da cultura são um processo social, não biológico, resultante da aprendizagem. Cada sociedade transmite às novas gerações o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados. Por isso, a cultura é também chamada de herança social. Nas sociedades em que não há escolas a transmissão cultural se dá através da família ou da convivência com o grupo adulto. Nesse caso, a educação é assistemática. Já nas sociedades em que a escola se faz presente essas se encarregam de completar a transmissão da cultura iniciada na família e em outros grupos sociais, nesse caso, a educação é sistemática, isto é, obedece a um sistema, a uma organização previamente planejada.

Vejamos agora um pouco da trajetória do desenvolvimento do conceito de cultura à luz da Antropologia. “Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade.” (GEERTZ, 1989).

O conceito de cultura não é recente. Qual é o sentido que a Antropologia atribui ao conceito de cultura? Mesmo no sentido antropológico temos várias tentativas de conceituá-la. Ao longo dos últimos três séculos vários autores apresentaram seu terreno teórico de interpretação do que entendiam por cultura. Apesar da palavra cultura não ser recente, seu estudo começou a ganhar mais importância no momento em que a Antropologia surgiu como área de conhecimento, a partir do século XVIII. Mas, o debate antropológico ganhou fôlego mesmo, somente a partir do século XIX com uma sistematização do conhecimento. A partir disso, suscita novas pesquisas, com a preocupação dos antropólogos em estabelecer leis gerais para a interpretação e descrição dos fenômenos da cultura. Num primeiro momento, o conceito de cultura remetia a civilização a qual se partia de estágios de evolução. Vemos expresso, especialmente, no pensamento de Edward Taylor, um dos primeiros autores a formular o conceito “cultura”. Ao tentar argumentar sobre “ciência da cultura”, Taylor inicia por descrever que: "Cultura ou Civilização, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é

¹ www.mundoeducacao.com/sociologia/conceito-cultura.htm
Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014.

aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade.”

A partir de meados do século XIX para o século XX, esse conceito de cultura sustentado pelo pressuposto evolucionista foi posto em cheque. Foi refutado especialmente pelo antropólogo Franz Boas. Boas propõe o método histórico de pluralizar a cultura ao partir da de um “relativismo cultural”. Com a interpretação que faz Boas, cultura, portanto, deixa de ser uma única cultura para se tornar um modo de vida. Outro pensador marcante de quem mais compartilhamos o conceito de cultura é Clifford Geertz. Esse pensador dá uma nova dinâmica ao conceito de cultura ao partir de uma definição semiótica. Geertz acredita que “o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu”. Para Geertz, “a cultura é pública, porque o significado o é”. E a antropologia, segundo ele, deve ser vista não como ciência experimental em busca de leis, como queriam os primeiros antropólogos, mas como ciência interpretativa em busca dos significados. Segundo Geertz, a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual, os indivíduos dão sentido à suas ações. Ela ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados. Ao tratar do conceito de cultura sob o aspecto semiótico, acreditamos que Geertz contribui para entendermos as questões estruturais da sociedade nas diversas épocas e realidades contextuais e, sobretudo, das diferenças e transformações que vem ocorrendo na pós-modernidade.

A sociedade passou por inúmeras mudanças em todas as áreas do conhecimento ao longo de sua história. A cultura vista como processo dinâmico também sofreu influências tais transformações que ocorreram de forma lenta e gradual. Podemos assim afirmar que a cultura é passível de mudanças. Porém essas mudanças não afetam a sua essência uma vez que na construção de uma identidade cultural de um grupo social deve-se ter um reconhecimento coletivo dos padrões de comportamento e costumes. A cultura seria parte de uma memória coletiva da sociedade impossível de se desenvolver individualmente.

Os impactos produzidos na sociedade através dos meios de comunicação tais como rádio, televisão, no início dos anos 30 com advento da indústria cultural provocou modificação no estilo de conduta, atitudes, costumes e tendências das populações mundiais. A comunicação por satélite e o surgimento da Internet intensificou tais mudanças dentro de um processo conhecido como mundialização/globalização.

Faço referência aos dois termos, pois, ambos são encontrados na literatura, então abro um parêntesis para discorrer sobre seus significados.

‘Mundialização’ é um termo utilizado preferencialmente pela escola francesa de visão marxista enquanto que ‘Globalização’ é um termo utilizado pela escola norte-americana com visão capitalista. Os franceses por sua vez afirmam que o termo globalização está a serviço da hegemonia capitalista dos norte-americanos.

De qualquer forma os termos são muitas vezes utilizados como sinônimos, mas há autores que mesmo considerando-os fenômenos sócio, econômicos e culturais fazem distinção entre eles.

‘Mundialização’ seria um processo de aproximação entre os homens cotidianamente inseridos em espaços geográficos diferentes. Aproximação que pode assumir múltiplas formas: da viabilidade de contato pessoal à comunicação escrita; da troca de mercadorias produzidas por uns e outros à troca de informações, etc.. Assim sendo, podemos dizer que a ‘mundialização’ é um processo que se iniciou nos primórdios da humanidade, com avanços e recuos, mas tendencialmente crescente, manifestando-se de forma desigual nas diversas regiões do mundo. E ‘Globalização’ é a maneira como a sociedade atual, denominada de “aldeia global”, está condicionada pelo poder econômico. Ou seja, seria uma fase da mundialização, mas com uma certa especificidade e que se caracteriza pelo reforço da ideologia neoliberal, pelo aumento do capital fictício até níveis nunca anteriormente atingidos, num contexto de articulação e mundialização acelerada dos mercados financeiros e pela adoção de políticas econômicas, nacionais e internacionais, que reforçam o papel das multinacionais, empresariam a economia mundial e dificultam a resistência dos povos.

Periodizando-a, podemos datá-la para seu início os anos 80 do século XX. Para tal contribuíram dois aspectos particularmente relevantes: o advento da microinformática, a integração das diversas formas de informação e as redes de telecomunicações, por um lado, e o fim do socialismo na Europa e na URSS e a tendência da hegemonização do capitalismo à escala mundial. São dois fenômenos de natureza diferente, mas que estão, ou podem estar, intimamente associados.

Para o sociólogo alemão Heinz Sonntag (1998), o processo de globalização da economia tem favorecido ainda mais a concentração de riquezas, ampliando a distância entre ricos e pobres, seja em termos de pessoas ou sociedades. Vivemos em um mundo de muitos contrastes. De um lado podemos ver realidades cada vez mais homogêneas desfrutadas por grupos restritos de pessoas, os incluídos e por outro percebemos um mundo cheio de contrastes, os excluídos.

O geógrafo Milton Santos fez observações contundentes a respeito do processo de globalização que acentuou os contrastes sociais por todo o mundo:

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014.

... A fome deixa de ser um fato isolado ou ocasional e passa a ser um dado generalizado e permanente. Ela atinge 800 milhões de pessoas espalhadas por todos os continentes. Quando os progressos da medicina e da informação deviam autorizar uma redução substancial dos problemas de saúde, sabemos que 14 milhões de pessoas morrem todos os dias, antes do quinto ano de vida. Dois milhões de pessoas sobrevivem sem água potável. (...) O fenômeno dos sem-teto, curiosidade na primeira metade do século XX, hoje é um fato banal, presente em todas as grandes cidades do mundo. O desemprego é algo tornado comum. (...) A pobreza também aumenta. No fim do século XX havia mais 600 milhões de pobres do que em 1960; e 1,4 bilhões de pessoas menos de um dólar por dia. (...) O fato, porém, é que a pobreza, tanto quanto o desemprego, são considerados como algo 'natural', inerente a seu próprio processo. Junto ao desemprego e a pobreza absoluta, registre-se o empobrecimento relativo de camadas cada vez maiores graças à deterioração do valor do trabalho. (SANTOS, 2000)

Segundo Takahashi, “o ato da comunicação está no cerne da globalização e da sustentação da diversidade cultural. É na comunicação que o indivíduo expressa sua identidade, opiniões e intenções, e as confronta com outros indivíduos oriundos de contextos culturais distintos”. É através dela também que a própria cultura é disseminada e aprendida, tornando as tecnologias de informação - que ampliam esses contatos - ferramentas indispensáveis na educação de pessoas que não possuíram acesso a dados culturais de seu país.

As novas tecnologias digitais de comunicação e informação possibilitam uma integração econômica mundial de características e alcance sem precedentes. Porém, este processo é acompanhado por profundos sentimentos de desconexão, insegurança e segregação.

Por outro lado, as tecnologias não favorecem somente os interesses do grande mercado, inclusive o cultural. Elas também proporcionam novos fluxos de experimentação artística e oportunidades de valorização de tradições culturais específicas, combinada ao uso criativo dos mais recentes recursos científicos e tecnológicos.

A globalização segundo, Giddens (1990), implica em um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da sociedade como um sistema e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma de como a vida social está ordenada no tempo e o espaço. Como resultados dessas novas características temporais e espaciais podemos observar três possíveis consequências sobre as identidades culturais, na visão de Stuart Hall (1998):

- As identidades nacionais estão se desintegrando como resultados do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global;

- as identidades nacionais e outras identidades locais ou particularistas estão sendo reforçada pela resistência a globalização;

- as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades híbridas estão tomando o seu lugar.

Podemos observar uma tensão entre o global e o local nas transformações das identidades. As identidades nacionais, segundo Hall (1998), representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. É o que é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento.

Em relação aos museus podemos observar que estão por toda parte. Eles se multiplicam por mais variados motivos. Da memória nacional á memória individual, vivemos um momento paradoxal das sociedades da pós-modernidade, a era do descartável, mas cada vez mais obcecados pela ideia de preservação. Essa profusão de museus conduz a algumas indagações sobre esse fenômeno denominado de síndrome de museus. Essa multiplicação dessas casas de memória levaria a uma banalização, e os museus, perderiam aquilo que Walter Benjamin chamou de “aura”, ou seja, seu caráter sagrado. Ao declínio das sociedades tradicionais e a criação dos estados nacionais os museus vieram a contribuir para a sua legitimação, pois, eram encarados como importantes bastiões da memória nacional guardiões das tradições nacionais. A ideia de totalidade no mundo moderno foi substituída pelo conceito de nação.

Em relação ao fenômeno da globalização Hobsbawn (1991) chama atenção para o fato de que:

... A ‘nação’, hoje, visivelmente está em vias de perder uma parte importante de suas velhas funções, nominalmente aquela da constituição de uma ‘economia nacional’ confinada territorialmente (...). Desde a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente desde os anos 60, o papel das ‘economias mundiais’ tem sido corroído ou mesmo colocado em questão pelas principais transformações na divisão internacional do trabalho, cujas unidades básicas são organizações de todos os tamanhos, multinacionais ou transnacionais, e pelo desenvolvimento correspondente dos centros internacionais e redes de transações econômicas que estão, para fins práticos, fora do controle dos governos e Estados. ... (HOBSBAWN, 1991).

Hobsbawn (1991) sinaliza que diante de um mundo cada vez mais globalizado, a ideologia das nações e do nacionalismo perde muito de sua relevância. Levado a uma fragmentação e individualização visível com o crescimento observado dos movimentos étnicos e separatista que agita o mundo no final do século. Esse crescente número de museus e casas de memórias pode representar de antemão um fenômeno de esfacelamento da memória nacional ou de oposição ao social. Entretanto, Regina Abreu avalia que essas memórias

localizadas, aparentemente individualizadas e fragmentadas seriam uma tentativa de re-totalização.

A tendência dos meios de comunicação tem sido de homogeneizar, tornar iguais todas as pessoas, todos os povos, a partir de padrões dominantes. Isso impõe a quem não se enquadra nestes padrões com um sentimento de exclusão, pois as identidades cada vez entram em maior colapso, ao contrário de se afirmarem, ao mesmo tempo em que possam respeitar as suas identidades.

Este é um fruto negativo do processo de globalização, pois a globalização em si não se constitui necessariamente nem em fragmentação nem em perda da identidade ou caminho inevitável para os fundamentalismos. Os meios de comunicação não devem ser apenas instrumento para o mercado, mas funcionar, sobretudo, como espaço para o exercício da diversidade, da tolerância, da solidariedade, da crítica e da democracia.

Referências

ABREU, Regina. Síndrome de Museus? **Encontros e estudos**. Rio de Janeiro: Funarte/Museu Edison Carneiro. Coordenação de Folclore e Cultura Popular, n.2, 1996. p.51-68.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica in: **Obras escolhidas**. São Paulo, Brasiliense, 1987. v.1.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. P. 67-76.

HOBBSBAWN, Eric. Nações e nacionalismo desde 1870. Rio de Janeiro, páis e Terra, 1991. In: ABREU, Regina Síndrome de Museus? Encontros e estudos. Rio de Janeiro: Funarte/Museu Edison Carneiro. Coordenação de Folclore e Cultura Popular, n.2, 1996. p. 51-68.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

LIMA, Raymundo. Para entender o pós-modernismo. Revista Espaço Acadêmico nº 35 abril 2004.

MUNDOEDUCAÇÃO. Disponível em:

< <http://www.mundoeducacao.com/sociologia/identidade-cultural.htm> > Acesso em: 05 abr. 2014

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, Record, 2000. in: COTRIN, Gilberto. **História global Brasil e Geral**. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2007. p.529-530.

SONNTAG, Heinz. Revista Del CLAD. Caracas, Centro Latino-americano de Administración para El desarrollo, out 1998. p.17. In COTRIN, Gilberto. **História global Brasil e geral**. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2007. p.529-530.

TAKAHASHI, Tadao. Diversidade Cultural e Direito à Comunicação in: VILELA, Paula. A **globalização e a diversidade cultural**. Disponível em: <
<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/17/diversidade.htm>> Acesso em: 05 abr. 2014